

AVALIAÇÃO DO CONTEXTO DAS RELAÇÕES FAMÍLIA-UNIVERSIDADE – UM ESTUDO COM ESTUDANTES DA UFAM E UEA/HUMAITÁ.

Maria Goretti Cordeiro da Costa (1)
Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas (suelyanm@ufam.edu.br)(2)
Valdemir de Oliveira Tenório (3)

(1) PIBIC. CNPq. PIB –H 0039/2008/UFAM

(2) PIBIC. CNPq. PIB –H 0039/2008/UFAM

(3) PIBIC. CNPq. PIB –H 0039/2008/UFAM

Resumo

Este trabalho analisa o contexto da relação família - universidade dos estudantes de diversos cursos existentes nos centros universitários UEA e UFAM do município de Humaitá – Amazonas. Os dados partem de uma investigação mais ampla, e foram obtidos por meio da aplicação do questionário: *motivação dos acadêmicos, abordagens de aprendizagem, atribuições causais, relações família escola, hábitos de estudos, Bullying e rendimento* (Mascarenhas, 2006), a 328 estudantes regularmente matriculados nos institutos, sendo 105 do sexo masculino e 223 do sexo feminino e idade variando de 18 a 49 anos, que foram convidados a participar voluntariamente do estudo. Os dados foram analisados com o auxílio do programa estatístico SPSS versão 15.0. Foram consideradas na fase da investigação as propriedades psicométricas do instrumento junto à amostra e a análise estatística tipo descritivo dentro das variáveis avaliadas pelo instrumento. A consistência interna do instrumento junto à amostra é de 0,83 (*Alpha de Cronbach*) índice considerado muito bom para a investigação nas ciências humanas. Este tem como objetivos (a) avaliar as características psicométricas do instrumento, verificando o item análises de fiabilidades (b) contribuir com bases de dados na ampliação de informações confiáveis na ação educativa formal, fornecendo de forma definitiva subsídios para a família e profissionais.

Introdução

Família/escola

Visto que a família se socializou com a escola, percebe-se a exigência da participação do trabalho coletivo de ambas, para que o processo educacional alcance seu maior objetivo, que é fazer com que o educando/filho, aprenda a viver construindo o seu futuro e conseqüentemente o da sociedade. Pais e professores estão sempre ensinando juntos, por isso cada um deveria ter o seu nível de consciência, pois se assim o for às crianças poderiam aprender em diferentes níveis. Porém o que não se pode esquecer é que as primeiras experiências educacionais das crianças se dão pela família, mesmo que muitos pais não tenham consciência desta influência que exercem sobre os estudantes durante muito tempo de suas vidas seja dentro ou fora de sala de aula. Pensar na parceria família/universidade requer humildade e respeito mútuo, pois neste ambiente o professor trabalhará com mentes formadas, ou será responsável por torná-los seres pensantes. E o cuidado deve ser dobrado, pois o aluno espera que o professor seja exemplo diante de atitudes críticas. Seria bom se todos os responsáveis pelo ato de educar tivessem

consciência de sua ignorância relativa e limites, e buscassem ser mais racionais e humildes, acreditando que precisamos um do outro e que não podemos enxergar o mundo somente a nossa maneira. E assim o professor tomar consciência que ele não é o dono da verdade, mais que saiba fazer a partilha dos conhecimentos. Cabe não só aos pais/familiares, mas também aos professores estarem atentos às etapas de desenvolvimentos dos filhos na universidade. Assim conseguindo distinguir que existem diversas diferenças seria mais fácil de perceber que os indivíduos retêm sentimentos que a família internalizou, e assim estes servirão de base para conceitos que estas formarão de si própria e do mundo (Barca, Marcos-Malmierca, Núñez-Peres, Porto-Rioboo, & Santorum-Paz, 1997; Brasil; 1988; 1990; 1996 e 2001).

Faz parte do instinto de perpetuação os pais cuidarem dos filhos, mas é a educação que os qualifica como seres civilizados. Atualmente na escola em todas as esferas (básica e superior) e em casa, os pais/educadores não sabem mais como fazer para que os estudantes sejam disciplinados (Tiba 2002). Muitos assuntos já foram transferidos da família para a escola: educação sexual, definição política, formação religiosa, assim ao invés de afirmarmos que perdemos o foco de escola e que a família perdeu sua função poderíamos perceber como ambos se completam que disciplina, direitos e deveres, sonhos, projetos se tem em ambos os lugares e não só na escola ou só na família. O que não pode deixar de existir é a responsabilidade, o compromisso de cada um. Hoje a escola é diferente somos livres dentro de um limite, sabemos das regras, do que podemos e não podemos que os sonhos podem se realizar é ensinado a ter senso crítico a expor opiniões (Chalita, 2004; Coll & Marchesi, 2004; Cury, 2003, 2007; Tapia, 2006; Tiba, 2002, 2003). A escola busca uma prática de qualidade mais atenta á formação global proporcionando a todos a vivencia de ser criativo, da participação ao exercício da cidadania, buscando uma melhor relação entre escola/família. Os sujeitos precisam sentir que pertencem a uma família (Tiba, 2002).

Para onde caminham os filhos/estudantes?

Já se passaram varias gerações, a que viveu a questão da disciplina de um modo peculiar e bastante sofrido. Aquela onde os avôs criavam os filhos de modo patriarcal, e com autoridade vertical e os pais massacrados pelo autoritarismo e com medo de não repetir com seus filhos o que viveu. A atual geração de pais e familiares está querendo dar o melhor para seus filhos, muitas vezes sonham por eles, procurando lhes dar o melhor brinquedo, roupas, passeios, escolas, tentando lhes proteger de uma chuva, poeira, de um resfriado ou algo mais graves evitando que se machuquem com brinquedos caseiros. Muitos já lhes podem proporcionar uma televisão no quarto, na sala, um computador. Outros que adaptam os filhos desde muito cedo a freqüentar os melhores cursos, e que ainda se culpam por muitas vezes não ter tempo de ser mais presente na vida dos filhos, pois precisam trabalhar fora, e assim muitas vezes ainda acaba transferindo para si toda a culpa de erro (mas essa culpa só a mãe traz consigo). O pai apesar de

muita evolução, segundo pesquisas, ainda não se sente culpado, responsável pela educação dos filhos, talvez seja daí que tudo começa. Sabemos que isto não é correto e é preciso que todos se sintam envolvidos neste processo de educar, porém não se pode esquecer e nem fugir dessa responsabilidade, porém não seria justo que pais vivessem a vida dos filhos, ou melhor, se realizassem nos filhos, cada um tem sua vida e desde cedo estes devem ser conscientizados desta. Cada sujeito vive sua vida, na qual existe uma participação, uma coordenação de responsáveis que permitem a brincar, correr, inventar, correr riscos, aprender, tudo dentro de horários na qual se encontra a realizações de limites. Porém não o que não podemos esquecer é o mundo real, permitindo que estas venham a viver um mundo artificial, pois caso contrário iremos pagar preços caríssimos, na transformação de jovens imaturos, alienados, sem planejar um futuro, sem garra e sem projetos de vida. Mesmo rodeados de carinho de brinquedos, de cuidados, os filhos percebem que em algumas situações existe algo que os distancia, mesmo que haja uma convivência no mesmo teto entre pais e filhos. E na escola a situação é pior, pois convivem miseráveis horas perto do professor que mal os conhecem. E assim tornam-se pessoas melancólicas, sem motivação, e não se importam em querer aprender, pois não foram ensinadas para isso, não estão preparadas para as decepções, pois sempre tiveram quem os protegessem. Aprenderam a lidar com os fatos lógicos não com as falhas (Mascarenhas, 2004, 2006; Mascarenhas, Hernández Pina, Martínez-Clares, David Cuesta, , Rosário, Barca-Lozano & Brenlla,, 2007; Sanches, 2001).

Porém segundo Freire (2008; p.22) *ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção*. Os pais precisam ser exemplos para os filhos, portanto devem ser responsáveis e se ingressar no sistema escolar, pois se os filhos percebem que os pais só criticam a escola, este automaticamente não respeitará seus professores, e muitas vezes farão exatamente o que o pai faz. Ainda acreditamos no diálogo que deve existir entre pais/filhos/professores, pois assim todos chegam a um denominador comum. Os pais devem saber como é o filho na escola superior e o professor universitário procurar conhecer o comportamento do aluno em casa. É direito dos pais ou responsável ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais, ou seja, trazer estas famílias no convívio escolar e isso não é eu que digo, já este prescrito no estatuto da criança e do adolescente e o que falta é concretizá-lo (Brasil, 1990). Atualmente o contato social é muito precoce, o estudante pouco tem um contato direto com a família e já estão na escola, até mesmo porque a lei garante este direito. O ambiente social está de certa forma invadindo, discreta e indiscretamente o ambiente familiar. Este envolvimento não está acontecendo somente pela escola, mas também pela televisão, internet, e assim percebe-se que o limite está desaparecendo entre escola superior/família. Existem muitos pais que delegam ao contexto educativo, com o pensamento ainda arcaico, cobrando o mau comportamento dos filhos em casa ‘ é isso que a escola/universidade/faculdade te ensina? A atitude esperada é o apóia aos filhos e

a orientação ao desrespeito pelos professores. Por outro lado, os professores não devem se comportar com falta de respeito, fazendo com que os alunos venham realmente a faltar-lhe com o devido respeito. Segundo Tiba (2008; p.181)

‘Para a escola, os alunos são apenas transeuntes psicopedagógicos’ isto é, passam por um período pedagógico e com certeza um dia vão embora, e os pais tem que perceber que na família é diferente, não existe ex filho, que este precisa da família muito, mas do que os pais pensam.’.

A escola/faculdade sozinha, não é responsável e nem consegue tomar conta sozinha da formação da personalidade de um aluno ou vários alunos, apesar de propiciar um clima familiar ao aluno, ainda assim ela é apenas uma escola e ela apenas faz uma complementação, ou pelo menos deveria, ela oferece condições de educação muito diferente dos existentes na família. Na escola ela aprende a conviver em coletividade com sua turma. Importante seria que os pais pudessem estar informados da realidade do comportamento de seu filho na escola, assim sendo a escola pode até mesmo ajudar a orientar estes a superar dificuldades muito antes que sejam necessários, em muitos casos, tratamentos psicológicos e psicopedagógicos. Se esta parceria se formar desde cedo todos terão muito a lucrar, o estudante que estiver bem vai melhorar e aquele que tiver problema receberá ajuda tanto dos pais como da escola/faculdade. E assim todos falando a mesma língua e tendo valores semelhantes o aluno aprende sem conflitos e não existirão motivos de jogar responsabilidade apenas para um dos protagonistas. É interessante que os pais possam conhecer onde estão matriculando seus filhos se perceba as instalações, os recursos que a escola/faculdade possui o corpo de funcionários, que tipos de alunos estudam na escola, qual a localização geográfica.

O estudante tem necessidade de um quadro estruturante com referências e limites claros para construir sua personalidade. Os pais e professores devem desde cedo instaurar as regras do jogo social, ensinando-os a viver em grupo, sem imposição, sem tirania, porém, regras e limites são indispensáveis com as condições de incidirem sobre o que as crianças fazem. Assim evitaria o autoritarismo dos pais e o permissivismo do professor. É preciso distinguir as regras éticas e legais, não negociáveis, e as regras normativas e convencionais que se constroem. Fica evidente que ao educar uma pessoa, devemos fazê-lo para que esta venha a conhecer o lado racional dos acontecimentos e assim aprender a cooperar e trabalhar em equipe.

A participação dos pais na universidade

Cada pessoa atua de acordo com a sua realidade e qualquer mudança na estrutura familiar mudará para este a concepção de mundo. Por isso é importante que se busque motivação nas condições do ensino, que esta motivação não venha só da escola, mas, também dos pais que deveriam ser os primeiros a sentirem-se responsáveis pela educação de seus filhos. A realidade é uma potencialidade que cada coisa tem para serem várias outras coisas, sendo libertada e expandida quando outras coisas entram em contato com ela. Podemos constatar que o ser

humano é influenciado pelo contexto social e conseqüentemente vem a influenciar este também. Por isso a família deve ter consciência de seu papel diante da formação continuada de seu filho/acadêmico. Pois desenvolvendo uma relação familiar nos estudos deste haverá mais interesse e participação do filho em querer ter mais conhecimentos.

No artigo 205 da Constituição Federal do Brasil determina que a educação é um direitos de todos onde requer a colaboração da sociedade e dentro desta apresenta-se inseridos a família. O estado brasileiro que se atribuiu essa obrigatoriedade tem consciência do envolvimento dos pais na ajuda deste parâmetro, na qual fazem estes estudantes a terem um avanço bem sucedido tanto em sucesso acadêmico, como de atitudes positivas face à aprendizagem. E a família pode sim participar da vida dos filhos/universitários é evidente que não será o mesmo acompanhamento que tiveram quando nas series iniciais da educação básica até a educação superior, mas que este venha a ser de maneira mais emocional, vivendo juntas expectativas positivas de estímulos e sucessos. Mantendo uma relação de respeito, apoio, considerações, solidariedade, carinho, cumplicidades nas tarefas de juntos aprenderem a formar cidadãos. É bom lembrar que ao passar para o nível superior haverá certa desestruturação no aluno, muitos pensam até mesmo em desistir, pois estudam longe do contexto familiar, outros tem outras cobranças por já estarem inseridos no mercado de trabalho, e assim apresentam níveis altamente de stress encontrando dificuldades de adaptação da nova realidade. E neste momento também a família deveria estar presente, pois apesar de parecerem independentes que não precisem mais de atenção, é neste momento que eles estão precisando de que a família venha apresentar toda uma estrutura adequada que possam corresponder as suas necessidades. É importante que os responsáveis, sejam eles pais ou professores, saibam como transformar estes aforismos nos jovens. Ensinando-os a unir disciplinas com sonhos, educando-os a lidar com suas frustrações, a pensar antes de reagir e desenvolver uma consciência crítica, trabalhando os erros e mesmo reconhecendo suas dificuldades apostar nos acertos e assim decidir seus caminhos com construções de sonhos e lutas. É importante apostar jovens mesmo que estes tragam muitas decepções e muitas lágrimas, pais e professores devem estar sempre juntos nesta árdua tarefa de educar. Sabemos que *não é possível viver em liberdade sem respeitar os que pensam diferente de nós* (Cury, 2003, p. 11).

O que é família?

É encarada como um conjunto de pessoas. Hoje sabe que este contexto não se dá apenas com pai, mãe e filhos, mas já existem diversas formas de famílias que se unem por sentimentos que os aproximam. Podemos então afirmar que se dentro deste vinculo ocorrer a desestruturação com um membro, afetará todos os outros elementos. Concordamos que por melhor que seja uma escola, por mais bem preparado que estejas o professores, nunca vai suprir a carência deixada por uma família ausente (Chalita, 2003).

O que se percebe que existem muitas exigências dos profissionais da educação, que este venha a ser um profissional diferente, que busque novos conhecimentos e seja um eterno aprendiz. O que não existe é a consciência que um professor não pode fazer nada sozinho, pois apesar de o ser humano ser considerado social, ele não nasce preparado para viver em sociedade. A LDB/1996 garante que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar (art. 1). No século em que vivemos o professor tem que saber formar um aluno, cidadão, Porém A família é a base, para estudantes que pretendem e para os que não almejam seguir seus estudos. É neste momento que surge um vínculo, na qual se inserem os profissionais da educação e a família. Não pode de maneira alguma responsabilizar somente o professor e a instituição de ensino pela educação dos filhos/alunos; o trabalho não é feito de maneira isolada, mas participativo, para o seu bem, o da escola/faculdade e do aluno/família. Uma ação isolada não leva a um objetivo concreto, a prática deve ser social. E diante de sua formação continuada o professor deve buscar pela ajuda dos pais, para que ambos venham a conscientizar-se da preparação que deve ser feita neste mundo tão exigente. Assim sendo, a partir das possibilidades oferecidas, o aluno/filho construirá sua própria identidade, aprenderá a compartilhar seus anseios e medos sem temor de ser julgada.

Qual o papel das universidades?

Segundo Jean Jacques Rousseau (apud Chalita 2004 p.19) *o homem nasce bom a sociedade o corrompe*. Os homens de ontem não tinham ambição, viviam em comum, dividiam seus bens. Hoje vivemos em uma sociedade ambiciosa, competitiva, ganha o mais forte, o que tem mais dinheiro, o mais inteligente. Segundo a LDB/1996

Art. 43. A educação superior tem por finalidade:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua; III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive; IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

Como é feito o incentivo a pesquisa? Existe professores/educadores qualificados e motivados? Existe estrutura física da instituição que atenda as necessidades dos discentes e docentes? Existe a participação e colaboração na hora que o aluno/ cientista almeja fazer publicações de suas pesquisas?

Ainda estabelece o ordenamento jurídico do Brasil (1996) que a educação superior deve: *V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração; VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade; VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.*

Será que as universidades deste município (Humaitá/amazonas/Brasil) estão contando com agentes públicos altamente preparados para formar outros cidadãos conscientes, participativos e interventivos? Será que estão preparando pessoas com capacidade e entender e intervir no mundo em que vivem, ou estão ficando apenas como meros expectadores, desanimados e passivos? Que tipo de cidadão está se formando?

Segundo o economista inglês Stuart Mill (apud Chalita 2004, p.65) *a educação compreende tudo o que nós fazemos e tudo o que os outros nos fazem para nos aproximarmos da perfeição de nossa natureza.* Existe a preocupação com o pleno desenvolvimento em todas as áreas do conhecimento? Não apenas ao aspecto cognitivo mas do ser humano em forma integral, trabalhando sua formação continua, à preparação para o mercado de trabalho e para o exercício da cidadania? Será que as universidades estão com pessoas altamente preparadas para formar outro cidadão? Será que estão preparando pessoas com capacidade e entender e intervir no mundo em que vivem, ou estão ficando apenas como meros expectadores, desanimados e passivos?

Quando são analisadas as leis, verifica-se que atende aos anseios sociais, todavia na prática percebe-se que é letra morta, fica apenas no papel. contudo, vale ressaltar que se temos consciência desses direitos é preciso lutar por eles. Estudantes e professores universitários bem como seus gestores precisam adotar uma conduta ética, honesta e solidária de cidadãos que integram e constroem um Estado Democrático de Direitos. Nosso pensamento coincide com o de Chalita *a educação será sempre privilegiada quando a questão for o exercício dos direitos e deveres de cada um e de todos e, acima de tudo, quando a questão for o exercício da plena cidadania.* (2004, p. 119).

Objetivos

Este estudo tem com objetivos: Realizar uma reflexão sobre a importância das relações família-universidade na atualidade; Avaliar o contexto das relações família – universidade no município de Humaitá/AM; Avaliar as características psicométricas do instrumento, verificando o item

análises de fiabilidades; Contribuir com bases de dados na ampliação de informações confiáveis na ação educativa formal, fornecendo de forma definitiva subsídios para a família e profissional.

Método

Amostra

Participaram voluntariamente desta fase da investigação 328 estudantes universitários, escolhidos aleatoriamente, sendo 274 (83,5%) da UFAM/Humaitá e 54 (16,5%) da UEA/Humaitá. Sendo 223 (68,0%) do sexo feminino e 105 (32,0%) do sexo masculino, idades variando de 18 a 49 anos, média 24,42. Etnia declarada branca 35 (10,7%), negra 26 (7,9%), Parda 62 (18,9%), indígena 8 (2,4%), não declarada 196 (59,8%), Afro descendente 1 (0,3). Os estudantes estão matriculados nos seguintes cursos: 61 (18,6%) no curso de pedagogia; 57 (17,4%) Matemática/Física; 30 (9,1%) Biologia; 33 (10,1%) Agronomia; 35 (10,7%) Engenharia ambiental; 58 (17,7%) Letras; 13 (4,0%) Tecnologia em análise e desenvolvimento de sistemas, 41 (12,5%) Licenciatura e bacharelado em educação física.

Instrumento

Os dados analisados neste estudo são parte de uma investigação mais ampla, e, foram obtidos, por meio da aplicação do Questionário: motivação acadêmica, abordagens de aprendizagem, atribuições causais, relações família escola, hábitos de estudos, *Bullying* e rendimento (Mascarenhas, 2006) (anexo 1), constituído por 53 itens num formato *liket* variando de 1 a 5 pontos, 1. Totalmente em desacordo. 2. Bastante em desacordo. 3. Indiferente. 4. Bastante de acordo e 5. Totalmente de acordo. Repartido em seis dimensões com tipos de variáveis que caracterizam o objeto de estudo: motivação acadêmica e rendimento, atribuições causais para o rendimento, abordagens de aprendizagem e rendimento, relações família escola e rendimento, hábitos de estudos e rendimento, *bullying* – convivência social e ética.

Tratamento e análise dos dados

Os dados foram coletados de acordo com os procedimentos estabelecidos no projeto PIBI-H 40/2008-2009/UFAM-CNPq, sendo analisados com o auxílio do programa estatístico SPSS versão 15.0. Foram consideradas nesta fase da investigação, propriedades psicométricas do instrumento junto à amostra em estudo especialmente a análise estatística tipo descritiva, basicamente a frequência das variáveis avaliadas pelo instrumento, conforme características dos dados amostra coletada n=328, considerando a literatura revisada da área e os objetivos da investigação na perspectiva epistemológica dialética (histórico-crítica).

Resultados

Fiabilidade

O instrumento em análise revelou uma consistência interna (*Alpha de Cronbach*) total de ,83 e para a sub-escala família universidade ,71. Indicadores considerados aceitáveis para o domínio das ciências humanas e sociais.

Estatística descritiva

Verificou-se que junto à amostra coletada de n=328 sujeitos responderam qual a participação dos pais (família) com os rendimentos académicos. Os itens são: quadro 26 *Meus pais /familiares vão a universidade conhecer a estrutura de estudo* regista o seguinte resultado: M=2,52 DP=1,33; *Totalmente em desacordo* 107 sujeitos 32,6(%); *Bastante em desacordo* 54 sujeitos 16,5 (%); *Indiferente* 88 sujeitos 26,8(%); *Bastante de acordo* 47 sujeitos 14,3(%); *Totalmente de acordo* 32 sujeitos 9,8(%). Da análise dos dados verifica-se que 26,8% não conhecem o ambiente de estudo de seus filhos. Porém, 24,1% afirmam que seus pais conhecem a estrutura de seus estudos.

A variável avaliada pelo item 27: *Meus pais /familiares vão habitualmente à universidade para acompanhar meus trabalhos académicos e procuram saber sobre o meu rendimento nas diferentes matérias* regista o seguinte resultado: M=2,59 DP=1,38 *Totalmente em desacordo* 105 sujeitos 32,0(%); *Bastante em desacordo* 52 sujeitos 15,9 (%); *Indiferente* 84 sujeitos 25,6(%); *Bastante de acordo* 45 sujeitos 13,7(%); *Totalmente de acordo* 42 sujeitos 12,8(%). Da análise dos dados verifica-se que 25,6% dos estudantes investigados não se interessam em conhecer a universidade e nem procuram saber quais os rendimentos de seus filhos. e 26,5% mostram que a família participa da sua vida académica.

A variável avaliada pelo item 28: *Meus pais /familiares estão satisfeitos com minhas notas académicas* regista o seguinte resultado: M=3,16 DP=1,38; *Totalmente em desacordo* 64 sujeitos 19,5 (%); *Bastante em desacordo* 33 sujeitos 10,1 (%); *Indiferente* 82 sujeitos 25,6(%); *Bastante de acordo* 84 sujeitos 25,6(%); *Totalmente de acordo* 65 sujeitos 19,8(%). Da análise dos dados verifica-se que 25,0% dos estudantes investigados informam que se sentem indiferentes a este item. Porém 45,4% mostra que seus pais e familiares estão satisfeitos com suas notas isto significa que existe toda uma participação dos pais pelos filhos.

A variável avaliada pelo item 29: *Meus pais /familiares me recompensam ou elogiam quando obtenho boas notas* regista o seguinte resultado: M=3,32 DP 1,34; *Totalmente em desacordo* 47 sujeitos 14, (3%); *Bastante em desacordo* 37 sujeitos 11,3(%); *Indiferente* 87 sujeitos 26,5(%); *Bastante de acordo* 77 sujeitos 23,5(%); *Totalmente de acordo* 80 sujeitos 24,4(%). Da análise dos dados verifica-se que 26,5% não tem a participação dos pais em seus estudos sejam com elogios ou recompensas.e 47,9% demonstram que recebem elogios e recompensas quando obtém boas notas.

A variável avaliada pelo item 30: *Meus pais /familiares nunca comparam minhas notas com as de meus companheiros* registra os seguintes indicadores: $M=3,08$ DP 1,38; *Totalmente em desacordo* 64 sujeitos 19,5 (3%); *Bastante em desacordo* 43 sujeitos 13,1(%); *Indiferente* 86 sujeitos 26,2(%); *Bastante de acordo* 71 sujeitos 21,6(%); *Totalmente de acordo* 64 sujeitos 19,5(%). Da análise dos dados verifica-se que 26,2% estão indiferentes a este item e 41,1% estão totalmente de acordo que seus pais nunca comparam suas notas com as de seus companheiros.

A variável avaliada pelo item 31: *Meus pais /familiares normalmente me elogiam ou me recompensam quando me esforço, ainda que não obtenha boas notas* registra os seguintes indicadores: $M=3,14$ DP 1,32; *Totalmente em desacordo* 55 sujeitos 16,8 (%); *Bastante em desacordo* 36 sujeitos 11,0(%); *Indiferente* 106 sujeitos 32,3(%); *Bastante de acordo* 67 sujeitos 20,4(%); *Totalmente de acordo* 64 sujeitos 19,5(%). Da análise dos dados verifica-se que 32,3% estão indiferente a este item e 39, 9% afirmam que recebem elogios e recompensam independente de conseguir boas notas ou não.

A variável avaliada pelo item 32: *Meus pais /familiares consideram que minhas notas são as melhores da classe* registra os seguintes indicadores: $M=3,04$ DP 1,32; *Totalmente em desacordo* 60 sujeitos 18,3 (%); *Bastante em desacordo* 36 sujeitos 11,0(%); *Indiferente* 102 sujeitos 31,1(%); *Bastante de acordo* 67 sujeitos 20,4(%); *Totalmente de acordo* 43 sujeitos 13,1(%). Da análise dos dados verifica-se que 31,1 % estão indiferentes a este item e 37,5% afirmam que seus pais consideram as suas notas as melhores da classe.

A variável avaliada pelo item 33: *Meus pais /familiares acreditam que tenho capacidade suficiente para melhorar minhas nota* registra os seguintes indicadores: $M=3,64$ DP 1,30; *Totalmente em desacordo* 36 sujeitos 11,1 (%); *Bastante em desacordo* 23 sujeitos 7,0(%); *Indiferente* 74 sujeitos 22,6(%); *Bastante de acordo* 83 sujeitos 25,3(%); *Totalmente de acordo* 112 sujeitos 34,1(%). Da análise dos dados verifica-se que 22,6% estão indiferente a este item e 59,4% afirmam que seus pais acreditam na capacidade deles de melhorar as notas.

A variável avaliada pelo item 34: *Meus pais /familiares acreditam que com meus esforços e trabalho posso melhorar as nota* registra as seguintes informações: $M=3,91$ DP 1,16; *Totalmente em desacordo* 18 sujeitos 5,5 (%); *Bastante em desacordo* 20 sujeitos 6,1(%); *Indiferente* 68 sujeitos 20,7(%); *Bastante de acordo* 87 sujeitos 26,5(%); *Totalmente de acordo* 135 sujeitos 41,2(%). Da análise dos dados verifica-se que 32,3% não apresentam participação dos pais em acreditar em seus esforços e 58,8% afirma que seus pais acreditam que se houver mais esforço poderão melhorar as notas.

A variável avaliada pelo item 35: *Meus pais /familiares desejam que eu conclua a formação universitária* registra as seguintes informações estatísticas: $M=4,07$ DP= 1,23; *Totalmente em desacordo* 24 sujeitos 7,3 (%); *Bastante em desacordo* 15 sujeitos 4, 6, (%); *Indiferente* 50 sujeitos 15,2(%); *Bastante de acordo* 64 sujeitos 19,5(%); *Totalmente de acordo* 175 sujeitos

53,4(%). D a análise dos dados verifica-se que 15,2% se encontram indiferente a este item, e 72,9% afirmam que seus pais desejam que se conclua a formação universitária.

Conclusão

Na escola é ao longo da vida, não se aprende por aprender, o ser humano sente necessidade de conhecimento. Com a chegada dos filhos no nível superior, alguns pais já não se sentem mais compromissados em se envolver na educação formal de seus filhos, a participação é mínima. Percebe-se que não existe, mas o compromisso por acreditarem que já fizeram o que deveriam ter feito, e esquecem que não existe ex filhos, independente se aparentam suficiente maduros, estes, continuam sendo filhos e precisando de apoio dos pais.

No nível superior se aprende a experimentar o prazer de pesquisar, a compreender o mundo da criança, ir à busca dos objetivos quase esquecidos. Possibilitam-se a criação de um canal de comunicação e de uma relação recíproca entre categorias de adultos, que se encontram presentes como sujeitos sociais ativos na construção do mundo. Os jovens têm, diga-se de passagem, uma vida inteira pela frente e os educadores (pais, docentes) precisam sentir compromissados em estar sempre presente durante seu processo de aprendizagem além de propagar harmonia e cidadania. Este trabalho investigou, analisou a participação dos pais nos rendimentos acadêmico dos filhos. Se existe ou não uma preocupação em conhecer o lugar onde estudam. Se há um acompanhamento familiar, acreditando que seus filhos têm capacidade de novos desempenhos para concluir seus estudos com desempenho. Porém se realmente existir essa participação, esse comprometimento a transição do ensino secundário para o nível superior não será tão traumática. Existirá uma consciência do vínculo existente entre famílias e profissionais da educação. Evidenciando o contrário haverá mais dificuldade para muitos, em se familiarizar com as exigências. É através dessas relações que as pessoas podem se tornar mais humanas, aprendendo a viver o jogo da afetividade de maneira adequada e perceber que a escola pode vir a ser uma família, mesmo que com poucas horas compartilhadas.

Tomando em consideração a totalidade dos dados em análise é possível afirmar que, os objetivos previstos foram atingidos, considerando que as características da amostra não permitem generalizações, outros estudos devem ser realizados para apoiar a investigação neste domínio.

Referências

- Barca, A. L, Marcos-Malmierca, J. L, Núñez-Peres, J. C, Porto-Rioboo, A.M & Santorum-Paz, M. R, (1997). *Processos de aprendizagem em ambientes educativos*, Madrid, Editorial Centro de Estudios, Romón Areces, S. A.
- Brasil (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, Congresso Nacional.
- Brasil (1990). *Estatuto da Criança e do Adolescente*, Brasília, Congresso Nacional.

- Brasil (1996). *Lei N. 9394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília.
- Brasil (2001). *Lei de Plano Nacional de Educação*, Congresso Nacional, Brasília, 2001.
- Chalita, G. A. (2004). *A solução é o afeto*. São Paulo, Gente.
- Coll, C. & Marchesi. A. (2004). *Desenvolvimento Psicológico e Educação*, vol. II, 2ª edição, Porto Alegre, Artmed..
- Cury, A. J. (2003). *Pais brilhantes, professores fascinantes*, Rio de Janeiro, Sextante.
- Cury, A. J. (2007). *Filhos brilhantes, alunos fascinantes*, Planeta, São Paulo.
- Tapia. J. A (2006). *A motivação em sala de aula*. 7ª Ed: setembro de 2006, São Paulo, Edições Loyola.
- Tiba, I. (2002). *Disciplina. Limites na medida certa*, São Paulo, Gente.
- Tiba, I. (2003). *Quem ama educa!* São Paulo, Gente.
- Mascarenhas, S. (2004). Avaliação dos enfoques de aprendizagem dos alunos do ensino médio do estado de Rondônia, Tese doutoral, Universidade de La Coruña, Espanha, 822p.
- Mascarenhas, S. (2006). Questionário: motivação acadêmica, abordagens de aprendizagem, atribuições causais, relações família escola, hábitos de estudos, Bullying e rendimento, UFAM, Humaitá, não publicado.
- Mascarenhas, S., Hernández-Pina, F., Martínez-Clares, David-Cuesta, J., Rosário, P., Barca-Lozano, A., Brenlla, J. C. (2007). Enfoques de aprendizagem, democracia e cidadania: auto-regulação de estudo-aprendizagem e desenvolvimento de competências no ensino superior do Amazonas (Humaitá/Brasil), *In Pedro, A. P, Martins, A & Fernandes, C. Livro de atas Congresso educação e democracia representações sociais, práticas educativas e cidadania*, universidade de Aveiro, Aveiro, P.478-483.
- Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Ed. Porto, Porto.